
Como o racismo estrutural afetou o protagonismo da Helena de Taís Araújo? Uma análise descritiva dos capítulos da novela *Viver A Vida*¹

Francisco Ewerton Aleixo da SILVA²

Janaine S. Freires AIRES³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

RESUMO

O presente artigo reflete sobre o racismo estrutural na teledramaturgia brasileira a partir da telenovela *Viver A Vida* (Rede Globo, 2009). A obra teve a primeira protagonista negra em horário nobre, vivida pela atriz Taís Araújo que interpretou a personagem clássica de Manoel Carlos, Helena. Nosso intuito é analisar o processo em que a protagonista perde espaço na trama e como este episódio reproduz as marcas do racismo através da caracterização dos personagens, da organização dos núcleos familiares, do desenvolvimento do enredo e da postura dos produtores ao tratar o assunto ao longo da obra. Ao analisar como a Helena de Taís Araújo foi perdendo voz durante o folhetim, culminando com a cena em que ela ajoelhada, leva um tapa no rosto de Tereza (Lília Cabral), em plena semana do Dia da Consciência Negra, visamos contribuir com a defesa da necessidade de novas narrativas negras na TV.

PALAVRAS-CHAVE: Protagonista negra; Telenovela; Racismo Estrutural; *Viver a Vida*.

INTRODUÇÃO

As telenovelas brasileiras sempre fizeram parte da realidade de toda a população do país e são amplamente consumidas nos lares brasileiros. É comum que cada um de nós já tenha se mobilizado em algum momento da vida em frente a sua TV para ver qual mistério estava sendo revelado em determinado capítulo ou um desfecho que todos já estavam esperando. Como o futebol, essas tramas são paixões vivas dentro de residências, bares e lanchonetes do Brasil inteiro.

Para além disso, temos autores famosos que já fazem parte do cotidiano das pessoas por possuírem suas particularidades nas obras que escrevem e um deles é Manoel Carlos, dramaturgo já conhecido das telenovelas brasileiras e mais ainda por trazer às telinhas temas polêmicos e personagens marcantes. Sua personagem principal é Helena,

¹Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Graduado do curso de Comunicação Social – Audiovisual da UFRN, e-mail: ewertonaleixo21@hotmail.com.

³Orientadora do artigo. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do EPA! – Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. E-mail: janaineaires@gmail.com

que já foi interpretada por dezenas de atrizes brasileiras, dentre as quais estão Regina Duarte, Vera Fischer, Christiane Torloni e Júlia Lemertz. No entanto, uma atriz que interpretou uma das protagonistas de Manoel Carlos não recebeu o reconhecimento esperado pelo desempenho em uma de suas obras. A profissional em questão é Taís Araújo, atriz com vinte e cinco anos de carreira que já atuou em diversas tramas como protagonista, antagonista e em papéis secundários.

O fato é que Taís Araújo interpretava sua primeira protagonista na faixa do horário nobre da Rede Globo em *Viver a Vida*. A telenovela foi ambientada na cidade de Búzios e na capital do estado do Rio de Janeiro, o que já a diferenciava das demais que sempre foram localizadas no bairro do Leblon, também no Rio de Janeiro. Além disso, a protagonista da novela era negra, a primeira na história da televisão brasileira a ser exibida na faixa das 21h. Essa inovação gerou grande expectativa nos movimentos negros e antiracistas, já que aparentemente romperia com a característica racista de invisibilidade e sub-representação dos personagens negros em nossa teledramaturgia, como citado abaixo:

No cinema e na telenovela, o melhor lugar reservado para o mestiço, celebrado na literatura ou nos discursos como representante do verdadeiro brasileiro, é a representação do “povão”. Os atores marcadamente mestiços, independente da fusão racial a que pertencem, se trazem em seus corpos e em suas faces uma maior quantidade de traços não-brancos, são sempre vítimas de estereótipos negativos (ARAÚJO, 2006, p. 77).

O que aconteceu, no entanto, é que Helena só foi protagonista da sua trama no primeiro mês de exibição. Taís Araújo começou a receber diversas críticas pelo seu desempenho e levou a culpa pela audiência de *Viver a Vida* não ter adquirido os números que a emissora almejava. O que se viu durante a telenovela foi uma protagonista frágil, diferente dos personagens anteriores presentes nas tramas de Manoel Carlos, cujas Helenas foram mulheres fortes e de fibra.

O que teria, então, acontecido para que o enredo contrariasse as expectativas gerais? Nosso intuito, portanto, é destrinchar a narrativa para demonstrar como o racismo estrutural fez parte da trama e renegou a Taís Araújo um papel secundário. A personagem foi culpabilizada por um acidente que vitimou sua enteada sua enteada e colega de trabalho Luciana (Alinne Moraes), deixando-a tetraplégica. A trama, então, passou a focar na recuperação dos movimentos da personagem e na superação de seu sofrimento. A

culpa e uma série de estereótipos contribuíram para diluir o protagonismo de Taís Araújo contribuindo para sua baixa popularidade perante o público.

Como Joel Zito Araújo afirma em *A Negação do Brasil* (2000), personagens negros não têm destaque na teledramaturgia brasileira, e pouco mudou desde o lançamento do documentário até os dias atuais. A obra de Manoel Carlos deixa esta característica de nossa teledramaturgia explícita, já que esse discurso não só se repete, mas permanece até sua última telenovela. Infelizmente, não é um caso isolado, outras obras agem da mesma maneira e reforçam um lugar de subalternidade do negro na televisão brasileira, seja em novelas, filmes, séries e minisséries.

Diante disso, observamos que Taís Araújo não sofreu só por ter sido rejeitada pelo público, pelo papel que lhe foi entregue, por ser a mais jovem das Helenas, alguém que não sabia se impor ou reagir diante de dificuldades. Ela foi rejeitada principalmente por ser uma mulher negra e independente, algo que nossa sociedade racista e elitista não consegue aceitar. De maneira serena e diversas vezes imperceptível, o racismo estrutural tende a ser o mais perigoso por ser de difícil percepção. Trata-se de um conjunto de hábitos e de situações que já estão enraizadas no nosso cotidiano e que proporciona, direta ou indiretamente, a segregação. Desse modo, nós pretos, já nascemos e crescemos com a concepção de que não podemos ir muito longe, porque sempre haverá alguém que já é privilegiado e que para alcançarmos a igualdade teremos que lutar muito. Diante desta afirmação, diversos fatores contribuem para a negatividade das pessoas brancas aceitarem o povo preto em visão de protagonismo, destacamos abaixo que segundo Almeida (2019, p.39): “De fato, negros e negras são considerados o conjunto da população brasileira, apresentam menor índice de escolaridade e, sim, o sistema político e econômico privilegia pessoas consideradas brancas.”

O tema que apresentamos neste artigo fez parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Audiovisual da Universidade Federal do Rio Grande do Norte apresentado em julho de 2020, denominado: “As Helenas de Manoel Carlos: uma leitura sobre o personagem de Taís Araújo”. Nossa metodologia, desenvolveu um levantamento bibliográfico focado na produção analisada. Além disso, levantamento dados da novela e das obras de Manoel Carlos no portal *Memória Globo* com o intuito de identificar a trajetória de personagens vividos por atores e atrizes negros. Bem como, analisamos os episódios da telenovela e a repercussão da obra na imprensa no período que ela foi veiculada.

Neste artigo, a nossa hipótese é que o enredo, a caracterização dos personagens, a organização dos núcleos familiares, o desenvolvimento do folhetim e a postura dos produtores da trama ao tratar o assunto contribuíram para diluir o protagonismo da personagem principal. Para isso, analisamos os capítulos de *Viver a Vida*, com o propósito de identificar os elementos que fragilizaram o personagem.

1 Entre a realidade e a ficção: a Helena negra

A Helena (Taís Araújo) de *Viver A Vida* era uma modelo de sucesso e se confrontava por muitas vezes com Luciana (Alinne Moraes), uma jovem de classe alta muito mimada, acostumada a ter tudo o que queria e que viu sua vida mudar completamente após o acidente que a deixou tetraplégica. A obra também contou com Marcos (José Mayer), um empresário do ramo hoteleiro, que se apaixona e casa com Helena em uma de suas viagens. O personagem, no entanto, não tem uma boa relação com a ex-esposa Tereza (Lília Cabral), mãe de Luciana, divorciada de Marcos, que é ressentida por ter abandonado a carreira de modelo para se dedicar à família.

Viver A Vida além de ser de autoria de Manoel Carlos, contou com a colaboração dos autores Ângela Chaves, Claudia Lage, Daisy Chaves, Juliana Peres e Maria Carolina Campos de Almeida e foi dirigida por Adriano Melo, Teresa Lampreia, Maria Rodrigues, Leonardo Nogueira, Frederico Mayrink e Luciano Sabino. A obra teve na direção-geral Jayme Monjardim (que também atuou na direção de núcleo) e Fabrício Mamberti. A telenovela foi exibida entre 14/09/2009 e 14/05/2010, na faixa de horário das 21h.

A Helena de Taís Araújo na telenovela *Viver A Vida* (2009) tinha tudo o que a época da obra pedia: era jovem, estava no auge da carreira de modelo, era bonita e se destacava entre as demais colegas de profissão. A protagonista causava a ira e a inveja da sua rival e enteada Luciana (Alinne Moraes). Apostava-se ainda em diferentes estratégias transmidiáticas que aproximavam a trama do público, logo entendia-se que a tendência do personagem seria crescer ainda mais.

Características de conflito familiar são próprias das obras de Manoel Carlos, que traz aos seus telespectadores críticas sociais e problemas vividos na vida de pessoas da classe média, especialmente. Um exemplo a ser citado foi na telenovela *Laços de Família* (Rede Globo, 2000), em que Camila (Carolina Dieckmann), se apaixona pelo namorado da sua mãe, Helena (Vera Fischer), e em seguida tem câncer, algo que comoveu bastante os telespectadores na época. Outro ponto importante foi na obra *Mulheres Apaixonadas*

(Rede Globo, 2003), a personagem Heloísa (Giulia Gam) tinha um ciúme doentio pelo marido Sérgio (Marcello Antony), e revelou o lado perigoso de um relacionamento sem confiança.

As estratégias de *marketing* do produto audiovisual estiveram voltadas para reforçar o perfil inovador da protagonista, afinal, tratava-se da primeira e única Helena negra do autor Manoel Carlos na faixa do horário nobre. Como é possível perceber no portal *Memória Globo* que destaca a sinopse da obra com o seguinte título “Viver a Vida, A força de superação conduzia a novela, que trazia uma Helena diferente das anteriores criadas pelo autor: uma jovem negra”.

A trama é fundamentada em um tradicional conflito familiar presente nas obras deste autor, estruturado especialmente no conflito de gerações, no divórcio e na disputa entre mulheres, como se destaca na sinopse compilada abaixo:

A trama central mostra a história de Helena (Taís Araújo), *top model* de renome internacional que, no auge da carreira, por volta dos 30 anos, decide largar a profissão para se casar com o sedutor Marcos (José Mayer), empresário do ramo hoteleiro, por quem se apaixona perdidamente. Ele é 20 anos mais velho, recém-divorciado da ex-modelo Teresa (Lília Cabral) e pai das jovens Luciana (Alinne Moraes), Isabel (Adriana Birolli) e Mía (Paloma Bernardi) – esta última, filha adotiva. Ao longo da trama, Luciana, jovem mimada que nunca precisou batalhar por nada na vida, transforma-se em símbolo da luta pela superação após sofrer um acidente e ficar tetraplégica. A partir do grave acidente, o público acompanha a lenta recuperação de Luciana e sua luta para não esmorecer. Sempre acompanhada pela enfermeira Laura (Arieta Corrêa) e pela fisioterapeuta Larissa (Patrícia Carvalho Oliveira). A tragédia muda sua visão do mundo e a faz repensar sua vida, fazendo-a, inclusive, romper o namoro com o arquiteto Jorge (Mateus Solano), com quem havia feito planos de casamento antes da tragédia (PORTAL MEMÓRIA GLOBO, *on-line*).

De início, a sinopse já mostra o perfil de Helena, sua profissão e sua “problemática” na trama, mas destaca muito mais a vida do personagem de Alinne Moraes, Luciana, e seu acidente. De fato, ao iniciar a trama, Helena se mostra uma mulher viva, de fibra, batalhadora e que lutou para atingir seus objetivos na vida: ser uma modelo de sucesso internacional.

O destaque se dá pelo seu estilo, cabelo e jeito de ser, algo que cativa muitas mulheres. O cabelo volumoso e cacheado foi uma marca de caracterização do personagem, algo que nunca havia se visto no maior papel do horário nobre (FIGURA 1). Nesse sentido, a Helena de Manoel Carlos se diferenciava das demais, não só na idade, mas em tudo o que o autor havia feito anteriormente.

FIGURA 1 - CARACTERIZAÇÃO DE HELENA VIVIDA POR TAÍS ARAÚJO EM *VIVER A VIDA* (2009)



Fonte: reprodução Memória Globo, 2009.

A caracterização da personagem foi recurso difundido como inovador pela própria emissora produtora. No portal *Memória Globo*, como curiosidade sobre a novela, destaca-se um trecho das obras de Joel Zito Araújo (2000), para fundamentar a construção adotada para a Helena em questão. Para além de se tratar da primeira protagonista negra do horário nobre, o personagem havia, segundo o portal, recebido “tratamento inédito” no que se refere à sua família que era negra e que “cada integrante tinha sua história própria” e à caracterização valorizando seus cabelos.

No entanto, o próprio Joel Zito Araújo problematiza a questão. O fato de ter personagens negros não significa necessariamente que a narrativa será antirracista. Para o autor, “o racismo brasileiro apareceu na telenovela somente como uma das características negativas do vilão, e não como um traço ainda presente na sociedade e na cultura brasileira” (ARAÚJO, 2008, p. 981). Nossa teledramaturgia tem vergonha de demonstrar o próprio racismo, que se transforma em tabu.

2 O enredo de Viver A Vida

A trama se inicia com o processo de abandono da carreira da personagem protagonista. Helena abdicava de uma carreira de sucesso como modelo, provocada, especialmente, pela paixão por Marcos vivido por José Mayer⁴, ator que tradicionalmente representou galãs nas tramas de Manoel Carlos. Vemos a apresentação dos personagens, e Helena se mostra uma mulher batalhadora, que demonstra que se esforçou bastante para ser quem é, e por algumas vezes já tem certo desentendimento com Luciana. Inclusive no primeiro capítulo, registra-se um descontentamento de Luciana por Helena ter maior destaque em um evento em que ambas iriam desfilar juntas, na ocasião.

O enredo opõe maternidade e inserção feminina no mercado de trabalho. Helena e Tereza são opostas e disputam o mesmo homem: Helena, jovem e bem sucedida modelo, ainda em atuação e Tereza, ex-modelo, que encerrou a carreira em virtude do casamento e é mãe de três mulheres, dentre elas uma modelo também. A estrutura narrativa se alicerça no processo de culpabilização da protagonista que em nome de seu sucesso profissional havia se submetido a um aborto. Ao longo da trama a personagem tenta engravidar, mas perde a criança. A questão maternal retoma quando Tereza (Lília Cabral) ex-esposa de seu marido, transfere para Helena as responsabilidades de maternar sua filha adulta.

Luciana e sua família já vinham ganhando um destaque maior do que a de Helena, afinal era a típica “família modelo” e branca, da zona sul do Rio de Janeiro, padrão familiar predominante das obras de Manoel Carlos. Enquanto a família da protagonista negra era marcada por Sandrinha (Aparecida Petrowky), que teve um relacionamento com um criminoso, engravidou e teve que lidar com a dor de enfrentar o julgamento do pai do seu filho, pois Bené (Marcello Melo Junior), e como a própria descrição do personagem no portal *Memória Globo* afirma: era um mau caráter com passagens pela polícia, algo que já estamos acostumados a presenciar nas mais variadas tramas brasileiras no que se refere a representação de personagens negros.

Helena tentou tomar para si a responsabilidade de cuidar de Luciana, aceitou que poderia lidar com a personalidade da enteada, algo que prometeu a Tereza. Entretanto, as duas discutem bastante durante a viagem, mas tentam manter uma boa relação. Há uma inflexão na trajetória da protagonista da trama. Em Petra, na Jordânia, Helena e Luciana

⁴Em 2017, José Mayer foi acusado de assédio sexual pela figurinista da Rede Globo Su Tonani. Após a grande repercussão do caso, o ator ficou afastado da TV e algumas atrizes da emissora criaram a campanha “Mexeu com uma, mexeu com todas”, o que resultou na demissão do ator, no final de 2018.

têm uma briga no quarto de hotel onde estavam hospedadas (Figura 2). Ambas se acusam de diversas formas, o que termina em Helena dando um tapa no rosto de Luciana, após essa acusá-la de ter realizado um aborto para conseguir o que seria o triunfo da sua carreira, e promete fazer Helena pagar pelo que tinha feito. A protagonista não teve a facilidade na vida que Luciana sempre teve, enfrentou vários obstáculos que teve para ser quem é, e que continuou passando por diversas dificuldades, nesse ponto, observa-se que Helena fala suavemente do racismo que viveu para conseguir o êxito da sua carreira.

FIGURA 2 - FRAMES DA CENA DE CONFLITO ENTRE HELENA E LUCIANA



Fonte: *Printscreen* de trechos da cena no Google Imagens.

Desta maneira, apesar de ter uma Helena vivida por uma atriz negra, a novela em questão não contribuiu em um sentido contrário ao racismo e reproduziu a estrutura narrativa clássica de nossa dramaturgia em que, conforme destaca Araújo, o racismo não é tratado como um traço:

presente na sociedade e na cultura brasileira. Até o final dos anos 90, poucas telenovelas trataram a discriminação racial contra o negro brasileiro de forma direta. Na teleficção, assim como na nossa sociedade, a vergonha de demonstrar o próprio preconceito, ou o “preconceito de ter preconceito”, conforme alertava o sociólogo Florestan Fernandes, criou o tabu que inibe a manifestação aberta do racismo e fortaleceu o

consenso em torno do mito da democracia racial brasileira (ARAÚJO, 2008, p. 981).

Durante a viagem, o ônibus com as modelos sofre um acidente e deixa Luciana gravemente ferida, o que foi ponto crucial para a reviravolta na vida de Helena. A novela passou a ter um clima melancólico com repletas cenas de choro e de muita emoção por parte do público, destacando a cena em que Luciana descobre na presença do médico, do namorado e dos pais, que está tetraplégica. Gritos são ouvidos seguidos de choro e desespero de todos. A cena causou muita comoção perante o público, que ficou bastante emocionado e se compadeceu da história de Luciana, que ganhou um maior destaque na telenovela a partir de então, o que fez com que Helena se tornasse culpada pelo que aconteceu com a enteada.

Identificamos que a perspectiva, a expectativa, a felicidade e a rejeição da Helena de Taís Araújo são motivadas pela forma como a trama foi construída, pouco a pouco a personagem Helena foi perdendo ritmo e espaço na trama deixando-a em segundo plano. Quando uma cena dessa magnitude acontece, é natural que haja uma forte carga de emoção por parte dos telespectadores, que acabam criando empatia com o personagem e o que ele está passando naquele momento. Com a discussão, o acidente, que deixou Luciana tetraplégica e o peso na consciência de Helena fizeram com o que o público passasse a enxergar a protagonista de forma negativa, vendo em Tereza uma forma de fazer Helena pagar pela situação em que Luciana se encontrava, o que contribuiu para sua impopularidade, seguida de muitas críticas e por vezes acusações pela baixa audiência da telenovela.

3 O tapa na cara: análise da cena em que Helena leva uma bofetada de joelhos de Tereza no capítulo 55 da telenovela *Viver A Vida* (2009)

Há de se destacar que os negros sempre viveram em situações de subserviência às pessoas brancas desse país, e quando essas ocasiões chegam às telas de TV em rede nacional através de telenovelas, que geralmente revelam aquilo que vivemos no nosso cotidiano, tudo se torna de forma mais clara, e ao invés de combater o racismo presente na vida do brasileiro, o naturaliza da forma mais errônea possível, como aconteceu na cena do capítulo 55 de *Viver A Vida*, quando uma mulher preta se ajoelha diante de uma branca e apanha dela, sem nenhum tipo de defesa. Por esse motivo, é correto afirmar:

O pensamento social brasileiro tem longa tradição no estudo da problemática racial e, no entanto, em quase toda a sua história, as

perspectivas teóricas que o recortaram respondem, em grande parte, pela postergação do reconhecimento da persistência de práticas discriminatórias em nossa sociedade. (CARNEIRO, 2011, p. 14).

Diante disso, observamos no decorrer da obra de Manoel Carlos que Tereza aparentava estar muito chateada por tudo o que aconteceu com sua filha, mas é fato que ela e Helena nunca se deram bem, sempre haviam pequenas provocações por parte de Tereza não gostar do fato de seu ex-marido estar casado com uma mulher vinte anos mais jovem que ele, e guardou o momento exato para se vingar da atual esposa do ex-companheiro, algo que também o público já esperava que fosse acontecer. Após dez segundos de silêncio em uma cena que dura pouco mais de dez minutos, Tereza dá um tapa no rosto de Helena, de joelhos, que não reage de maneira alguma, ficando na mesma posição em que estava, apenas olhando para a ex-esposa do seu marido, que a via com raiva e desprezo e apenas ouviu: “Estou lhe devolvendo a bofetada que você deu na minha filha!”. O fato é que Tereza não só bateu em Helena pelo que ela diz ter feito à sua filha, mas por nunca ter suportado o fato de Helena ser quem era e nunca ter gostado de ver ao lado do seu ex-marido uma mulher jovem e independente.

FIGURA 7 - FRAMES DA CENA EM QUE TEREZA BATE EM HELENA



Fonte: *Printscreen* de trechos da cena no Google Imagens.

Observando do ponto de vista estético, as roupas das atrizes na cena já causavam um certo desconforto, tendo em vista em que na maioria das cenas Helena sempre esteve bem vestida, com o cabelo solto ao ar livre, estava com uma roupa branca, com cabelo

preso para trás e sem maquiagem, e Tereza que também se vestia muito bem, chegou ao apartamento de Helena impecável. O teor da cena não pedia que Helena estivesse arrumada por estar em casa, que é quando estamos mais à vontade, mas dar relevância para essa ocasião faz levantar dúvidas para os fatos da necessidade de se usar branco numa cena tão marcante. Partindo do ponto técnico, enquanto estavam em pé conversando, as cenas se divergiam em plano médio longo mostrando as duas atrizes e primeiro plano.

A partir desse momento, Helena perdeu todo o seu protagonismo, apesar de fatos relevantes terem ocorrido a ela, como a separação de Marcos e a descoberta da gravidez, ela ainda se sente culpada pelo acidente de Luciana, pondo a culpa no aborto que realizou no início da carreira, em um diálogo com a mãe. A personagem passou a ser rejeitada pelo público e Luciana acabou ganhando um espaço de protagonismo na telenovela, que também passou a ter um outro tipo de temperamento, falando em tom alegre, animado e sorridente, por vezes infantil, como se já tivesse aceitado sua nova condição de vida, compreendendo e querendo conversar com Helena quando estiver mais tranquila.

Quando o processo de recuperação começa a acontecer com Luciana, existe na telenovela uma carga emocional de grande impacto, além disso, ela já havia conquistado a comoção dos telespectadores, crescendo ainda mais quando reviu Helena após o acidente e a perdoou pelo que havia acontecido, o que contribuiu para a sua superação, que era o tema principal de *Viver a vida*.

Algo que se tem de se levar em consideração é o fato de enquanto Edite, que é mãe de Helena, vai à casa de Sandrinha, em um morro do Rio de Janeiro, para fazer uma visita e desconfia dos amigos do companheiro dela, enfatizando o fato do próprio negro desconfiar das pessoas pelo próprio tom da pele e de onde eles vivem, Tereza conversa com Luciana, falando que o acidente que ocorrera a filha a fez mudar e se tornar uma pessoa melhor, apresentando o contraste existente no país.

Ao entrar na fase final da trama, apesar das diferenças e desavenças terem dado uma trégua, o elenco negro continuou sofrendo, como Bené e Sandrinha, que continuaram no mundo do crime. Situações como essas só acrescentam ao público o fato do negro ser o único problemático e envolvido em crimes numa telenovela. Enquanto isso, com o machismo presente em *Viver A Vida*, vimos o fim do casamento de Helena e Marcos, onde ele colocou a culpa do término do relacionamento nela, a culpando por não ter colocado o casamento como prioridade, o que não é verdade, pois em toda a trama Helena agiu por

amor e dedicação, o que não pareceu suficiente aos olhos dos telespectadores. A protagonista então colocou um ponto final no casamento e resolveu se dedicar a Bruno (Thiago Lacerda), iniciando um novo relacionamento. Mais uma vez, essa atitude pode ter contribuído para a negatividade da personagem, sem contar que pela segunda vez Helena entra num segundo envolvimento amoroso com um homem branco. Um breve ponto em que o racismo foi levado em consideração em *Viver A Vida* foi a indiferença no tratamento com a protagonista quando a mãe de Bruno a conheceu, perguntando se era pelo fato de ela ser negra, o que não ficou explicitado, mesmo revelando que tem divergências com a profissão de modelo e não com a cor da pele de Helena, no entanto, pairou a dúvida de que realmente ela estava falando do trabalho da protagonista e não pelo fato de ela ser uma mulher negra.

Outro fato importante a ser levado em consideração é a morte de Bené que poderia ter sido evitada pelo autor, pois o rapaz havia abandonado a criminalidade, porém depois de mais uma vez ser perseguido por inimigos no morro onde estava morando com Sandrinha, é alvejado por vários tiros, todos partindo também de pessoas negras, inferiorizando e banalizando novamente a vida do povo preto.

Desse modo, com o fim da telenovela, foi notório o tamanho do espaço que Helena perdeu na trama, e como sua personagem não teve a relevância que poderia ter obtido, e o grande fator que contribuiu de fato foi o acidente, que o público não percebeu, mas que foi causado pela própria Luciana que se não tivesse tratado Helena mal e feito julgamento da protagonista sem conhecer realmente sua história, ela não teria enfrentado a tetraplegia. Além disso, o tapa que recebeu de Tereza como forma de vingar a filha, a deixou ainda menor em *Viver A Vida*, em plena semana da do Dia da Consciência Negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manoel Carlos teve em suas mãos o poder de abordar um tema crescente e presente desde sempre na sociedade brasileira. Taís Araújo, além de ter sido a primeira e única Helena negra do autor, foi a primeira protagonista negra na faixa do horário nobre da Rede Globo e escolhida pelo autor para dar vida à sua personagem principal. De forma errônea, *Viver a Vida* passou longe de debater o racismo de uma sociedade elitista e preconceituosa e quando abordou foi de forma debochada e superficial.

A análise descritiva da novela nos leva a concluir que não adianta termos uma protagonista negra se a narrativa da trama é racista. O debate sobre o racismo precisa estar inserido e ser permanentemente discutido no contexto dos personagens. O que se observa é que mesmo no caso da protagonista analisada, está ausente uma postura reativa às violências que sofreu e um forte sentimento de culpa carregado por todas as fases da trama.

Desse modo, *Viver A Vida*, fortaleceu uma representação estereotipada, estigmatizando atrizes negras como profissionais de cozinha, babás e domésticas, acabou gerando críticas por parte dos telespectadores e do movimento negro, que não se calou diante da exposição de uma personagem que poderia ter mudado a história da televisão brasileira.

Sendo assim, enquanto não formos reconhecidos por quem somos, haverá luta e resistência para que o povo preto possa ligar a tv com sua família e veja uma telenovela em que ele se sinta representado e acolhido pelo sistema, como sempre deveria ter sido. Para que isso aconteça, é necessário que o povo brasileiro perceba quantos direitos ao povo preto lhe foi retirado e quando isso puder acontecer, seremos uma nação finalmente igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo. Polén, 2019.

ARAÚJO, Joel. Zito. **A negação do Brasil**. Documentário, sonoro, colorido, 65 min, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PrrR2jgSf9M>. Acesso em: 12 ago. 2020.

_____. A força de um desejo-a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual., **Revista USP**, n. 69, p. 72-79, maio/2006. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13514>. Acesso em: 12 ago. 2020.

_____. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 979-985, setembro-dezembro/2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250040737_O_negro_na_dramaturgia_um_caso_exemplar_da_decadencia_do_mito_da_democracia_racial_brasileira. Acesso em: 12 ago. 2020.

CARLOS, Manoel. **Viver a Vida**, Rede Globo, direção: Jayme Monjardim, 2009. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/viver-a-vida/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GLOBO, Memória. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 12 ago. 2020.

Viver a Vida - Helena pede perdão (Capítulo 55)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MJ97XiIrshg>. Acesso em: 12 ago. 2020.